

ROBERT BRYNDZA

A NOITE  
ESTÁ A  
CHEGAR

Tradução de  
Carla Ribeiro

alma  
dos  
livros

Para Maminko Vierka

*O mundo é um sítio perigoso onde se viver – não devido às pessoas que são más, mas devido àquelas que nada fazem em relação a isso.*

Albert Einstein

*O mal é simples e sempre humano,  
E partilha a nossa cama e come à nossa própria mesa...*

W. H. Auden

# Prólogo

28 DE AGOSTO DE 2012

Simon arquejou e engasgou-se com a água gelada e salobra enquanto nadava para se salvar. O reservatório era enorme e Simon atravessava as águas retintas num frenético *crawl* frontal, adentrando-se mais nas trevas e afastando-se do zumbido do motor fora de borda do barco. O nublado céu noturno significava que não havia luar e a única luz vinha de Ashdean, a três quilómetros, um brilho alaranjado que mal chegava ao reservatório e à charneca que o rodeava.

Os ténis, uns pesados *Nike Air Jordans*, que apertara bem antes de deixar o acampamento, pareciam pedaços de chumbo nos pés, e sentia-os, juntamente com as calças de ganga molhadas, a puxá-lo para baixo. Era o fim do verão, e onde a água gelada se encontrava com o ameno ar noturno, uma fina névoa ondulante pendia sobre a superfície das águas.

O barco era pequeno mas robusto, e a figura que vira perto dele à beira do reservatório não passava de uma silhueta. A lanterna de Simon iluminara o corpo que o homem subia para o barco. Uma forma inerte, bem enrolada num lençol branco coberto de manchas de sangue e terra.

Fora tudo muito rápido. O indivíduo largara o corpo no barco e atacara-o. Simon sabia que era um homem, apesar de ser apenas uma sombra. Quando derrubou a lanterna da sua mão e o golpeou, Simon sentiu um forte e desagradável cheiro a suor. Por alguns instantes, ripostou, mas envergonhava-se da maneira como entrara em pânico

e fugira para a água. Devia ter seguido no sentido contrário, de volta ao denso bosque que rodeava o reservatório.

Custava-lhe a respirar, mas Simon forçou-se a nadar mais rápido. Os músculos ardiavam-lhe do esforço. O seu treino de natação entrara em ação, e contava um, dois, três, com a cabeça a vir à superfície para respirar a cada quarta braçada. Sempre que chegava aos quatro, o zumbido do motor fora de borda estava mais perto.

Era um nadador veloz, mas os ferimentos abrandavam-no. Sentia um estertor ao inspirar. O homem atingira-o nas costelas e a dor latejava-lhe. Respirava fundo enquanto nadava, mas tinha engolido água e o ar não lhe chegava aos pulmões.

Uma parede de nevoeiro avançou para ele, baixa sobre a superfície das águas, e envolveu-o num cobertor frio. Simon pensou que isso podia salvá-lo, mas o barco rugiu e atingiu-o na parte de trás da cabeça. Foi projetado para a frente e ficou debaixo de água. Sentiu dores quando a hélice do motor lhe rasgou a carne.

Pensou que ia desmaiar; via estrelas, e o seu corpo estava dormente do impacto. Não mexia os braços. Pontapeou com força, mas os pés e as pernas encharcados não pareciam responder ao esforço, movendo-se quase preguiçosos. Regressou à superfície, rodeado por névoa, e uma voz calma falou na sua cabeça.

*Estás a lutar porquê? Desce e afunda para onde é seguro.*

Tossiu e cuspiu a água salobra. Tinha um repicar nos ouvidos, bloqueando qualquer som. A água em redor ondulava e a proa do barco atravessou de novo a bruma. Quando o atingiu por baixo do queixo, Simon ouviu o maxilar a partir-se e foi projetado para cima e para trás, ficando estendido sobre a superfície das águas. O barco passou-lhe por cima – sentiu o casco no peito e depois as lâminas do motor fora de borda a rasgar-lhe a pele contra as costelas.

Não mexia os braços nem as pernas. Tinha o rosto e a cabeça dormentes, mas o resto do corpo estava em chamas. Nunca sentira uma dor assim. A água parecia-lhe quente nas mãos. Era o seu sangue, não a água. O sangue era quente e vertia para a água.

Cheirou-lhe a gasolina do motor, a água tornou a mover-se e Simon soube que o barco voltava para junto dele.

Fechou os olhos e expulsou o ar dos pulmões. A última memória foi a de ser envolvido pela água fria e negra.

# 1

## DOIS DIAS DEPOIS

**K**ate Marshall respirou fundo e mergulhou na água fria. Voltou à superfície e ficou a flutuar, com a paisagem rochosa de Dartmoor e o céu cinzento a pairar sobre a linha de água na sua máscara; depois, mergulhou no reservatório. A visibilidade era boa. Jake, o seu filho adolescente, fora o primeiro a entrar e marcava passo abaixo dela, com bolhas de ar a subir do seu regulador. Acenou-lhe e fez-lhe sinal com o polegar erguido. Kate acenou-lhe também, estremeando à medida que o frio se infiltrava no fato de mergulho. Ajustou o regulador e absorveu os primeiros sopros de oxigénio da garrafa às suas costas. Deixavam-lhe um sabor metálico na língua.

Estavam em Shadow Sands, um reservatório artificial fundo a poucos quilómetros de onde Kate vivia, perto de Ashdean, em Devon. As rochas cobertas de algas de onde tinham saltado erguiam-se abruptamente ao longe, e o frio e a escuridão aumentaram enquanto seguia Jake. Tinha agora dezasseis anos e um repentino crescimento nos últimos meses deixara-o quase da altura de Kate. Bateu fortemente os pés para o alcançar.

Aos treze metros, a água adquiriu um sombrio tom verde. Acenderam as lanternas de cabeça, projetando arcos de luz que não conseguiam atravessar as profundezas. Uma enorme enguia de água doce saiu das sombras, serpenteando no meio deles, com o olhar vazio apanhado pela luz das lanternas. Kate afastou-se dela,

mas Jake não vacilou, observando com fascínio enquanto a enguia se aproximava da sua cabeça e recuava de novo para as sombras. Virou-se para ela, arqueando as sobrancelhas dentro da máscara. Kate fez uma careta e mostrou-lhe um polegar voltado para baixo.

Jake estava a passar o verão com a mãe, terminados os exames nacionais. Em junho e julho, haviam tido aulas de mergulho numa escola local e participado em várias viagens de mergulho, no mar e numa gruta submersa nos arredores de Dartmoor com uma brilhante parede fosforescente. O reservatório de Shadow Sands fora criado em 1953, através da inundação de um vale e da aldeia de Shadow Sands, e Jake vira *online* que era possível mergulhar e observar as ruínas submersas da velha igreja da aldeia.

Estavam no topo superior do reservatório, a quilómetro e meio das comportas que puxavam água através de duas enormes turbinas para produzir eletricidade. Havia uma pequena área reservada ao mergulho. O resto do reservatório estava estritamente interditado. Kate ouvia o zumbido grave da central hidroelétrica ao longe, um som ominoso ao frio e na escuridão.

Havia algo de inquietante em flutuar por cima do que em tempos era uma aldeia. Perguntou-se que aspeto teriam as coisas lá em baixo. As lanternas de cabeça não iluminavam mais nada além de lodo e uma turva água verde. Podia imaginar as outrora secas estradas e casas, onde viviam pessoas, e a escola onde as crianças brincavam.

Kate ouviu um apito ténue e consultou o computador de mergulho. Estavam a dezassete metros, e voltou a ouvir um apito de alerta para que abrandassem a descida. Jake estendeu a mão e agarrou-lhe no braço, fazendo-a dar um salto. Apontou para baixo, para a esquerda. Um grande e sólido contorno emergia da penumbra. Nadaram em direção a ele e, à medida que se aproximavam, Kate viu a enorme cúpula curvada de uma torre de igreja. Pararam a alguns metros, iluminando com as lanternas um aglomerado de crustáceos de água doce que cobria a cúpula. Abaixo dela, Kate viu os tijolos da torre cobertos de algas verdes e as janelas de pedra em arco. Era inquietante observar aquela estrutura artificial, que em tempos se erguera tão alto, mergulhada nas águas.

Jake soltou do cinto uma bolsa à prova de água contendo uma máquina fotográfica digital e tirou algumas fotos. Olhou para Kate,

que consultou o computador de mergulho. Estavam agora a vinte metros. Acenou e seguiu-o até à janela. Por um momento, ficaram a pairar do lado de fora, o lodo mais denso ao espreitarem para a vasta e vazia cavidade da velha torre sineira. Cada centímetro das paredes interiores estava coberto de crustáceos, salientes a espaços. Apesar da densa camada, Kate viu os contornos curvos do teto abobadado. A torre tinha quatro janelas, uma em cada face. A janela à esquerda encontrava-se repleta de crustáceos e a da direita quase toda bloqueada, deixando uma pequena seteira que lhe fez lembrar um castelo medieval. A janela em frente estava livre, com vista para o verde sombrio da água.

Kate entrou na torre pela janela, parando no centro, subiu para ver mais de perto o teto abobadado. Uma das traves que deviam ter sustentado os sinos atravessava um dos lados. Estava coberta de crustáceos, tal como os contornos arqueados do teto. Um enorme lagostim de água doce, com mais de trinta centímetros, saiu de baixo da trave e atravessou o teto em direção a ela. Kate quase gritou de choque ao saltar para trás, agarrando-se a Jake e sacudindo os braços em câmara lenta. À medida que passava, as patas do lagostim faziam retinir as conchas dos crustáceos amontoados. Parou por cima deles. Kate tinha o coração a martelar-lhe no peito. A sua respiração acelerou, recorrendo às reservas de oxigénio.

As antenas do lagostim estremeceram e este atravessou o teto, desaparecendo pela janela oposta. Kate viu algo a flutuar do lado de fora da janela por onde o lagostim escapara. Aproximou-se, com a lanterna de cabeça a iluminar os calcanhares de um par de ténis vermelho-vivos. Moviam-se na água por cima da janela.

Kate sentiu uma vaga de medo e excitação. Bateu as pernas e, usando o arco de pedra, atravessou lentamente a janela. Os ténis estavam por cima da abertura e enfiados nos pés de um cadáver suspenso na água, como se estivesse de pé, junto à cúpula da igreja.

Jake seguira-a pela janela e deu um salto para trás, batendo com a cabeça na parede da torre. Kate ouviu o seu grito abafado e um jato de bolhas do regulador turvou-lhe a visão. Estendeu a mão e agarrou-o, incapaz de o segurar em condições devido à garrafa de oxigénio. Puxou-o para longe da torre. Então, olhou novamente para o corpo.

Era um jovem, de cabelo curto, escuro, e vestia calças de ganga azuis com um cinto de fivela prateada. No pulso, tinha um relógio de ar elegante. Os restos de uma *T-shirt* branca rasgada flutuavam-lhe em tiras à volta do pescoço. Tinha uma figura atlética, bem constituída. A cabeça estava dobrada para a frente, e o rosto, o peito e a barriga inchada cobertos de cortes e lacerações. O que mais perturbou Kate foi a expressão no rosto dele. Tinha os olhos arregalados, demonstrando medo. Estava inerte, mas de repente o seu pescoço moveu-se e pulsou. Kate sentiu Jake a agarrá-la de novo e, por um horrível instante, pensou que o rapaz ainda estava vivo. A cabeça estremeceu e o seu maxilar abriu-se, enquanto uma enguia negra e brilhante surgia entre os seus dentes partidos, parecendo deslizar da boca aberta.